

## História e Memória da Escola Complementar de Guaratinguetá (1906-1913)

Débora Maria Nogueira Corbage<sup>1</sup>

Este artigo aborda a história da escola Complementar de Guaratinguetá relacionada à memória sobre seus alunos nas primeiras décadas do século XX. Fundamenta-se na relação entre a memória que grupos sociais criaram e sedimentaram sobre os primeiros alunos da Escola Complementar de Guaratinguetá e a história dessa escola na vida da cidade em processo de mudanças sociais e culturais.

O interesse pelo tema surgiu exatamente, como moradora de Guaratinguetá, da importância atribuída ainda nos dias atuais a essa escola. O prédio da escola, atualmente com outra titulação e atendendo a um público escolar diferenciado, é um marco da memória para a cidade. Uma parcela da sociedade de Guaratinguetá preserva em acervos uma memória sobre seus alunos e professores, atribuindo à escola um papel fundamental na constituição das elites locais. A memória da Escola Complementar está assim associada a setores que a consideram como “lugar” da manutenção e preservação de grupos sociais que compunham a elite econômica e social de uma cidade que passava por transformações no início do século XX, com o declínio econômico no setor cafeeiro, base da produção da região e responsável que era para a composição de grupos sociais privilegiados no decorrer do Império cuja base da mão de obra era escrava. O trabalho livre, a chegada de imigrantes, a transformação das antigas fazendas, a diversificação da produção, além das mudanças tecnológicas que forneciam novas formas de organização e de função urbana afetavam a sociedade incluindo o novo sentido da educação escolar na configuração social e nas relações de poder político e cultural.

Desta forma, para dar início à investigação sobre a Escola Complementar de Guaratinguetá e seus alunos, é fundamental tecer considerações acerca da memória para que possamos introduzir no que diz respeito à memória coletiva do grupo social em questão juntamente com a memória escolar do início do período republicano onde a questão da formação docente estava sendo gerada através de todo um projeto que girava em torno desta escola sem deixar de levar em conta o legado que esse período deixou na memória de um determinado grupo social.

Muitas são as atribuições da historiografia com relação à memória e também são muitas essas mesmas atribuições da memória feitas por um determinado grupo social. Para François Dosse, podemos perceber como a memória coletiva é construída por determinado grupo e se enraíza através dos tempos criando fatos e personagens quase indelével e difíceis de serem compreendidos.

A multiplicação dos estudos sobre a memória coletiva permitiu compreender melhor a complexidade de seu funcionamento e tornou possível uma abordagem crítica. O falso dilema da escolha a ser feita entre o pólo de uma história baseada em seu contrato de verdade e o de uma memória alimentada pela fidelidade se transforma hoje, momento de verdadeira transição historiográfica, em conjunção alimentada por múltiplas fidelidades capazes de resistir à verdade exprimida pelos trabalhos de uma nova história social da memória<sup>2</sup>

Além disso, o autor salienta que é possível problematizar tal fato e contexto histórico partindo da memória pela história e também fazendo o caminho inverso. Para ele, certas lembranças só podem ser conservadas quando são incluídas na consciência coletiva.

Esse deslocamento do olhar histórico corresponde exatamente a uma mudança historiográfica atual, segundo a qual a tradição só vale como tradicionalidade na medida em que afeta o presente. A distância temporal não é mais uma desvantagem para uma apropriação das diversas estratificações de sentido de acontecimentos passados transformados em acontecimentos supersignificados.<sup>3</sup>

Desse modo, a memória apresenta várias faces, nuances que tomam voz e rosto através de seus protagonistas, transmitindo suas impressões de geração em geração. Em seu trabalho, Paul Ricoeur também destaca através da análise dos fenômenos mnemônicos as impressões da memória ao longo do tempo, privilegiando o que ele chama de lugares da memória: “o passado reconhecido tende a se fazer valer como passado percebido”.<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> Mestre em História da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

<sup>2</sup> DOSSE, François. 2004. *História e ciências sociais*. Bauru, SP: EDUSC, p.174

<sup>3</sup> Idem, p.178

<sup>4</sup> RICOEUR, Paul. 2007. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora UNICAMP p. 56

Mas o autor aponta certa imprecisão na memória que denota uma pouca confiabilidade a ela, justamente por ela estar ligada a individualidade e ser o único recurso para dar voz a um passado que declaramos lembrar. Essas memórias têm um forte significado emblemático e conforme Ricoeur é necessário abstrair, dar valor ao inútil e vai estar sempre ligado a uma imagem, um símbolo.

Diremos então que o esforço de recordação consiste em converter uma representação esquemática cujos elementos se interpenetram numa representação em imagens cujas partes se justapõem.<sup>5</sup>

Tudo que lembramos está sempre associado a lugares, por isso dizemos que quando algo aconteceu, ela teve lugar. É exatamente aí que se constitui o fenômeno dos “lugares da memória”, mas o autor faz uma advertência já que ainda não está constituído como ponto de referência para o conhecimento histórico. “Esses lugares da memória funcionam principalmente a maneira dos *reminders*, dos indícios da recordação” (...) <sup>6</sup>

Para o autor, lembrar-se corresponde a um hábito, que liga a uma reflexão, ao esforço de lembrar sempre associado à datação: quando? E essa datação sempre vai nos remeter a um lugar: onde? Para Ricoeur, essa é a primeira polarização dos fenômenos mnemônicos conotando uma forte ligação humana entre data e lugar.

Nesse aspecto, a simetria entre espacialidade e temporalidade é completa: “aqui” e “agora” ocupam a mesma posição ao lado do “eu”, “tu”, “ele” (...) Aqui e agora constituem verdade, lugares e datas absolutos.<sup>7</sup>

De acordo com a citação acima, podemos concluir que a lembrança apóia-se então na representação. Lugares e datas se fundem formando uma junção entre a memória individual e coletiva na qual surge essa voz do passado que se transforma como um símbolo para determinado grupo social. O que foi exposto aqui se relaciona ao que o autor chama de memória exercitada. Dentro desse contexto de exposição epistemológica da memória, que se desenvolve a narrativa da construção da Escola Complementar de Guaratinguetá na memória local, ressaltando um lugar de poder atribuído a ela e aos seus alunos.

A Escola Complementar de Guaratinguetá foi criada pela lei nº. 816 de 12 de dezembro de 1902 sendo o terceiro estabelecimento do gênero instalado no interior já que as cidades de Itapetininga e Piracicaba, pela ordem cronológica já haviam sido contempladas. A escola passou a ser o coração da cidade e nela estava representado todo o ideal de um projeto político da nova nação republicana e, para Guaratinguetá não foi diferente. De 1905 a 1910 o estabelecimento funcionou como a organização das escolas complementares. Pelo decreto nº. 2025, de 29 de março de 1911, a escola foi transformada em “Normal Primária” e já em abril do mesmo ano começou a funcionar sob o novo regime. E com essa denominação ficou até que a lei nº. 1750 de 8 de dezembro de 1920 estabeleceu a uniformização das Escolas Normais.

Nesse período, os ideais de uma nação republicana em plena efervescência, estavam depositados na escola sendo o Grupo Escolar e a Escola Normal os grandes responsáveis por levar a nação rumo a civilidade da República. No início, Guaratinguetá foi contemplada somente com a Escola Complementar, considerada curso secundário, por um breve momento serviu para a formação de professores com o objetivo de suprir cargos existentes em grupos escolares. Mas, de acordo com a memória, para a cidade, isso não teve importância, a Escola Complementar se tornou a responsável por colocar a cidade de volta no cenário político e econômico.

Para corroborar os fatos expostos pela memória da escola, utilizamos como fonte as Revistas Comemorativas de 75 e 90 anos da Escola. Os normalistas são mostrados nelas como depositários de um grande ideal de educação, associados sempre a grandezas de atos, com mostras da arte de educar como uma grande virtude civilizadora. São na verdade o símbolo de uma cultura letrada que adentrou a sociedade no período em que foi implantada a Escola na cidade.

Entendem-se, assim, como setores da intelectualidade e da vida política da cidade até os dias de hoje rendem homenagens aos normalistas dando nome as principais escolas estaduais, biblioteca municipal e isso se reflete em todas as cidades da região onde os normalistas nasceram ou trabalharam.

A Escola atraia alunos de outras regiões, uma quantidade significativa de normalistas que vinham estudar em Guaratinguetá o que demonstra um reconhecimento da cidade e também da escola. Para a identificação da origem desses alunos, recorreremos a pesquisa feita por Joaquim Roberto Fagundes,

---

<sup>5</sup> Ibidem, p. 47

<sup>6</sup> Ibidem, p.58

<sup>7</sup> Ibidem, p. 59

pesquisador do Museu Histórico e Pedagógico Conselheiro Rodrigues Alves na qual faz um levantamento com base em uma vasta documentação composta por inventários, registros de nomeações no Diário Oficial, certidões de casamento e material sobre os alunos da escola que estão no Arquivo do Estado de São Paulo.<sup>8</sup>

Esse levantamento permitiu, segundo os objetivos do próprio pesquisador mapear a origem dos alunos, com o levantamento da profissão dos seus pais juntamente com a renda familiar e, mais tarde, suas trajetórias profissionais em um período que abrange as oito primeiras turmas da Escola (1906-1913). Com base no referido levantamentos foram organizados as relações dos formandos da Escola Complementar de Guaratinguetá para que pudesse indicar o perfil desses alunos dando ênfase ao aspecto econômico para que se identifique uma formação de elite econômica. E o que foi constatado, mostra uma clientela escolar que não estava associada à elite econômica tão exaltada pela memória, o que caracteriza uma ascensão social desses alunos através da educação.

Para ilustrar o status dos normalistas, podemos verificar de acordo com memória que alguns deles ganharam tamanha projeção não só no cenário da educação, mas também em outras áreas profissionais, com destaque para a área do direito. Dessas oito primeiras turmas temos alguns nomes de destaque que batizaram escolas estaduais não só de Guaratinguetá, mas de toda região. São eles: Rogério Lacaz, Darwin Félix, Miquelina Cartolano, Chagas Pereira, Luiz Menezes, e também a biblioteca municipal de Guaratinguetá que recebeu o nome de Diomar Pereira da Rocha, expoente político que também se formou na Escola já como normalista.

Podemos constatar ao termino da pesquisa que a ascensão social desses alunos veio posteriormente ao ingresso deles na escola, a partir de sua trajetória profissional. Mesmo com a falta de informações a respeito de alguns alunos, podemos perceber que os alunos herdeiros dessa memória vieram das camadas mais baixas da população. Concluimos também que a Escola era a única instituição que oferecia um ensino público secundário na região fazendo com que um fluxo considerável de pessoas viesse para Guaratinguetá comprovando o status de “Atenas do Vale”, explicitado pela memória.

Ao longo do trabalho, percebemos que a Escola Normal de Guaratinguetá atingiu seu objetivo na proposta educacional de São Paulo dentro do período republicano através da memória deixada pelos seus alunos e pela imponência da arquitetura de seu prédio como um símbolo do saudosismo no qual a educação era vista como um mecanismo de ascensão social em um período de transformações políticas e econômicas.

---

<sup>8</sup> Esse material foi gentilmente cedido pelo pesquisador Joaquim Roberto Fagundes para a elaboração da dissertação. Esse material é considerado inédito e não foi publicado anteriormente.